

Antônio Gonçalves da Silva Batuíra e os princípios sociológicos do espiritismo em São Paulo (1890-1909)

Fausto Henrique Gomes Nogueira ¹

DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v15i45.65916>

Resumo: O objetivo deste artigo consiste em analisar a trajetória intelectual de Antônio Gonçalves da Silva Batuíra (1838-1909), agente fundamental no processo de constituição do campo espírita em São Paulo, entre o final do século XIX e início do século XX, e a sua atuação frente a instituições e impressos no período. A partir das disputas em torno das interpretações legítimas que o espiritismo deveria assumir, este agente produziu determinadas visões sobre a identidade espírita, estabelecendo a centralidade da questão social no entendimento da doutrina, orientação pouco explorada por outros espíritas naquele momento. Para esta análise, utilizamos como fonte os periódicos editados por esse intelectual.

Palavras-chave: Antônio Gonçalves da Silva Batuíra. Espiritismo. Sociedades de ideias. Socialismo utópico. São Paulo.

Antônio Gonçalves da Silva Batuíra and the "sociological principles" of spiritism in São Paulo (1890-1909)

Abstract : The objective of this article is to analyze the intellectual trajectory of Antônio Gonçalves da Silva Batuíra (1838-1909), a fundamental agent in the process of constitution of the spiritist field in São Paulo, between the end of the 19th century and the beginning of the 20th century, and his performance in front of institutions and publications in the

¹ Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professor titular no Departamento de Humanidades do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), campus São Paulo. E-mail: fausto@ifsp.edu.br

period. From the disputes around the legitimate interpretations that spiritism should assume, this agent produced certain views about the spiritist identity, establishing the centrality of the social issue in the understanding of the doctrine, an orientation little explored by other spiritists at that time. For this analysis, we used as a source the periodicals edited by this intellectual.

Keywords: Spiritism. Societies of ideas. Utopian socialism. São Paulo.

Antônio Gonçalves da Silva Batuíra y los "principios sociológicos" del espiritismo en São Paulo (1890-1909)

El objetivo de este artículo es analizar la trayectoria intelectual de Antônio Gonçalves da Silva Batuíra (1838-1909), agente fundamental en el proceso de constitución del campo espiritista en São Paulo, entre el final del siglo XIX y el inicio del siglo XX, y su actuación frente a instituciones e impresos en el período. A partir de las disputas en torno a las interpretaciones legítimas que el espiritismo debía asumir, este agente produjo ciertas visiones sobre la identidad espiritista, estableciendo la centralidad de la cuestión social en la comprensión de la doctrina, orientación poco explorada por otros espiritistas de la época. Para este análisis, hemos utilizado como fuente las publicaciones periódicas editadas por este intelectual.

Palabras-clave: Espiritismo. Sociedades de ideas. Socialismo utópico. São Paulo

Recebido em 20/11/2022 – Aprovado em 13/03/2023

Introdução

A inserção da religião espírita em solo brasileiro experimentou processos distintos em vários estados, promovendo uma diversidade de experiências influenciadas pelo surgimento de intelectuais que reinterpretaram as ideias de Allan Kardec de múltiplas formas. Desde o início, a heterogeneidade das práticas caracterizou o movimento e a historiografia procurou captar essas múltiplas realidades para construir um quadro mais

diverso do espiritismo, para além da tentativa de uniformização doutrinária representada pela FEB².

É neste contexto que Célia Arribas (2014) adverte sobre a importância da análise das “autoridades espíritas”, enquanto atores que garantem o poder normativo e a produção doutrinal. Nesse sentido, ela oferece algumas reflexões importantes para interpretar o papel social dos intelectuais espíritas na constituição desse movimento, na medida em que estes foram portadores de diferentes interpretações doutrinárias, relacionadas, principalmente, aos seus campos de atuação no espaço público, e que inspiraram, de formas distintas, a construção do imaginário espírita. Para a autora:

[...] outro elemento característico da constituição de um sistema religioso é a atuação engajada de *atores concretos*; são eles que, agindo de forma mais ou menos intensa, segundo suas diferentes habilidades e competências, vão pouco a pouco realocando em novos dispositivos de sistematização as suas contribuições; é através de seus esforços e de sua dedicação que eles constroem os diversos sistemas de crenças e por eles lutam numa disputada contenda (2014, p. 8).

A partir destas considerações iniciais, nosso objetivo consiste em compreender a atuação de Antônio Gonçalves da Silva Batuíra (1838-1909), agente portador de uma centralidade no movimento espírita paulista no início do século XX, reconhecido no período por atuar em uma importante instituição e ser editor de um periódico representativo, atuando na produção de saberes doutrinários e em estratégias de legitimação.

Para essa análise, acompanhamos as reflexões de Pierre Bourdieu no que se refere à estruturação do campo social, entendido como um sistema de relações caracterizado por lutas simbólicas e pela competição entre os agentes, com regras e uma dinâmica própria, a partir do qual estes definem estratégias para estabelecer o que consideram legítimo, angariando capital simbólico e intentando obter a hegemonia no interior do campo social

² Para essa questão ver: Damazio (1994), Giumbelli (1997) e Arribas (2008). Estes pesquisadores já demonstraram sobre a existência de diferentes correntes nos primórdios do espiritismo no Rio de Janeiro.

(BOURDIEU, 2004). Assim, esses agentes, ao construírem espaços de produção de bens simbólicos, ressignificam o seu campo de atuação, atraindo outras pessoas que possuem interesse neste campo.

Outro autor importante para a nossa análise é Jean-François Sirinelli (2003), que aborda o conceito de intelectual. O autor defende que este pode ser definido de acordo com o seu engajamento na vida da cidade e pela sua especialização “reconhecida pela sociedade em que vive - especialização esta que legitima e mesmo privilegia sua intervenção no debate da cidade -, que o intelectual põe a serviço da causa que defende” (2003, p. 243). Nesse aspecto, os intelectuais adquirem legitimidade com a construção de espaços associativos relacionados à produção cultural, veiculando discursos considerados legítimos para determinados grupos sociais. Esses intelectuais se organizam “em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver” (2003, p. 248). É a partir destas considerações preliminares que iremos abordar a ação intelectual e política de Antônio Gonçalves da Silva Batuíra como um intelectual engajado no cenário social e cultural da cidade de São Paulo na passagem do século XIX ao XX.

Batuíra: breves traços biográficos

Antônio Gonçalves da Silva nasceu em 26 de dezembro de 1838 em Vila Meã, Águas Santas, em Portugal. Filho dos camponeses João Gonçalves e Anna Alves, frequentou os primeiros anos escolares e, posteriormente, viajou ao Brasil com seu irmão, desembarcando no Rio de Janeiro em 3 janeiro de 1850 (MONTEIRO, 1999; 2003). Trabalhou nesta cidade por 3 anos, transferindo-se para Campinas e, depois, para a cidade de São Paulo. Na capital, trabalhou como entregador de jornal para o *Correio Paulistano*, o que lhe valeu o apelido de Batuíra, pois os moradores afirmavam que a rapidez com a qual ele entregava os impressos lembrava os movimentos dessa ave. Foi tipógrafo e ingressou na atividade comercial, na qual amecou importantes recursos, beneficiando-se do polo dinâmico da cidade em expansão e que oferecia oportunidades de ascensão social (DEAECTO, 2002); foi proprietário de uma taverna e, com o tempo, diversificou as suas atividades, produzindo charutos e comercializando saibro, proveniente do morro de sua propriedade, localizado no Cambuci, conhecido como “Morro do Batuíra”; também adquiriu diversos terrenos e imóveis pela cidade, especialmente na rua do Lavapés, onde

construiu um casarão para a sua residência e, ao lado, abriu uma rua particular, denominada rua Espírita, onde construiu várias casas (AMARAL, 2006).

Foi retratado por muitos cronistas da Paulicéia, que apontaram as suas múltiplas experiências e vínculos tecidos ao longo da sua vida, além de sua inserção no cenário cultural da cidade³. Ele se notabilizou por ser proprietário do chamado Teatro do Batuíra, nos anos 1860, localizado nos fundos do seu estabelecimento comercial, na rua da Cruz Preta (Quintino Bocaiúva), nº 10, possuindo um pequeno palco com lotação para 200 pessoas. O teatro, bem como as suas apresentações como ator, foram muito citadas pelos periódicos da época, como parte dos circuitos de sociabilidade e cultura dos estudantes da Academia (AMARAL, 2006). Elizabeth Azevedo (2000) afirma que o teatro, organizado em 1860, funcionou até 1870, momento no qual Batuíra passou a se dedicar ao trabalho abolicionista, junto aos líderes Luís Gama e Antônio Bento. Antônio Amaral indica que ele protegia os escravizados que fugiam, até eles conquistarem as suas cartas de alforria (2006)⁴.

Sobre a sua adesão ao espiritismo, ele comenta que ocorreu a partir de um caixeiro que o convidou a assistir a uma sessão espírita em 1884, o que fez com que iniciasse a leitura sistemática das obras doutrinárias (*VERDADE E LUZ*, 25/05/1890). Ao mesmo tempo, passou a frequentar o Centro Família Spirita, no qual estabeleceu diálogo com Angeli Torteroli (1849-1928), um dos principais personagens do espiritismo no Rio de Janeiro e que, na época, vivia em São Paulo; e Ramos Nogueira, advogado que foi um dos mais destacados divulgadores da doutrina na capital nos anos 1880.

Em abril de 1890 criou o Centro Espírita Verdade e Luz⁵, adquiriu uma tipografia e iniciou a publicação do jornal *Verdade e Luz*, que conheceu poucas interrupções e foi um marco na imprensa espírita na cidade de São Paulo, principalmente pela sua expressiva tiragem, iniciando seu ciclo de vida com 2 mil exemplares e alcançando 15 mil em 1897. Em 1904, o centro foi transformado em Instituição Cristã Beneficente Verdade e Luz, consolidando a obra social que este agente construiu ao longo de sua jornada como espírita, com atividades sociais direcionadas a enfermos, órfãos e viúvas pobres. Ele também apoiou

³ Sua participação no espaço público paulista foi notada por Amaral (2006); Bruno (1991); Freitas (1915); Marques (s/d); Moura (1980) e Vampré (1924).

⁴ Batuíra comenta com detalhes as suas ações ao lado de Antônio Bento em: *VERDADE E LUZ*, 31/08/1900.

⁵ Canuto Abreu (2001) observa que o Centro Espírita Verdade e Luz foi o primeiro na América do Sul a possuir sede própria e era o maior do Brasil, inclusive em comparação com a FEB.

a criação de um centro espírita na cidade de Limeira e participou da organização da União Espírita do Estado de São Paulo, em 1908, ocupando a vice-presidência, instituição que pretendeu unificar o movimento no estado.

Nesse processo, ele se transformou na principal liderança do movimento espírita paulista no início do século XX, adquirindo capital cultural como porta-voz da doutrina no estado e publicando, além do seu jornal, diversas obras e folhetos doutrinários. Ele conquistou autoridade institucional, produzindo discursos que disputavam a hegemonia no campo espírita paulista, repleto de personagens importantes, que igualmente editaram periódicos, muitos deles conhecidos até hoje no meio espírita, como Anália Franco, Antônio Bastos, Cairbar Schutel e João Penteadó. Ele faleceu em 22 de janeiro de 1909.

Batuira e sua ação social na cidade de São Paulo

Ao mesmo tempo em que adquiriu uma posição privilegiada no campo espírita, ele atuou em outras frentes. O desenvolvimento industrial em São Paulo e a consequente formação do operariado, vivendo em condições sociais precárias, foi uma de suas principais preocupações. Ele se aproximou de grupos ligados aos trabalhadores e, em 1891, a Tipografia Espírita passou a editar a folha *O Operário*, junto com *Adolpho de Freitas*, “que se apresentava como órgão dos interesses da classe operária” (FREITAS, 1915, p. 371). O jornal conheceu curto ciclo de vida e, durante a sua existência, *Verdade e Luz* e *O Operário* eram entregues conjuntamente para os assinantes de ambos, o que evidencia uma tentativa de engajamento dos espíritas nas causas dos trabalhadores.

No Artigo “Aos operários”, o agente espírita adverte que deseja: “ser útil e trabalhar pelo melhoramento da condição da classe operária, e o meu maior esforço tenderá para a sua orientação política” (*O Operário*, 28/04/1891, p. 3). O que podemos verificar da leitura dos dois únicos exemplares localizados é a intensa participação de Batuira. Seus textos possuíam um tom inflamado, abordando temas relacionados às causas dos trabalhadores e uma postura anticlerical, mas, especialmente, analisando as questões eleitorais do período.

Batalha (2000) observa sobre o surgimento de grupos socialistas no Brasil no final do século XIX, muitos de duração efêmera e expressão local, que defendiam um socialismo eclético e um programa de reformas políticas, como a ampliação do direito de voto e a jornada de oito horas. É nesse sentido que o jornal *O Operário* se apresentava, embora, nas edições consultadas, não mencionasse diretamente o socialismo. O autor também observa que, no início da República, predominava o reformismo no interior do movimento

operário, disseminado em grupos socialistas democráticos, sindicalistas, republicanos radicais etc, e que apoiavam candidatos ligados ao movimento operário em eleições, participando ativamente da política institucional.

Outro empreendimento que Batuíra apoiou, na tentativa de criação de um espaço de sociabilidade operária⁶, foi o “Botequim Fim de Século”, posteriormente, “Salão Fim de Século”, em 1898⁷, localizado na rua do Lavapés, nº 8, ao lado do *Verdade e Luz*. Ainda que seu funcionamento fosse independente do centro espírita, o agente realizou intensa propaganda de suas atividades ao afirmar que “este espaçoso botequim foi feito especialmente para o proletariado ter um ponto de reunião onde os que não possam comprar jornais, aí se encontrem para se instruírem” (*VERDADE E LUZ*, 15/04/1898, p. 4). O objetivo consistia em servir como um ambiente de “ampla liberdade de consciência” para a promoção de conferências, inclusive em outros idiomas, para os imigrantes. Também abrigava um gabinete de leitura, no qual eram disponibilizados jornais e livros recebidos pela redação de seu jornal. Tanto as publicações disponíveis como as palestras oferecidas versavam sobre inúmeros temas, mas, principalmente, relacionadas ao socialismo, ao espiritualismo e ao anticlericalismo. Também oferecia serviços caritativos como doação de roupas e cursos de alfabetização.

Assim como o Centro Espírita Verdade e Luz, o Salão funcionava a partir do modelo de sociedades de ideias, explicitado por alguns autores. De acordo com Bastian (1990), sociedades de ideias representam novas formas associativas pautadas pelas ideias modernas, cujas características são a associação voluntária, a valorização do indivíduo como ator político e social, e em valores como a igualdade, a democracia e o livre-pensamento; esses modelos associativos auxiliaram na construção de uma nova sociabilidade em contraposição às estruturas sociais hierárquicas ancoradas em uma sociedade tradicional⁸. O autor advoga a ideia segundo a qual algumas instituições religiosas, como os centros espíritas, representaram formas de sociedades de ideias.

⁶ Para esta temática, ler: Paoli; Duarte (2004).

⁷ O empreendimento é citado como propriedade de Antônio Vieira de Macedo mas, possivelmente, tinha como sócio Batuíra. Não é possível perceber a duração desta instituição, em virtude das lacunas na coleção do *Verdade e Luz*, mas ela aparece em edições ao longo do ano de 1898. Como a venda de bebidas alcólicas gerou críticas, Batuíra resolveu encerrar as atividades comerciais e manter apenas o Salão com as atividades culturais e benéficas.

⁸ Agulhon (1989) também analisa esse processo ao desenvolver o conceito de sociabilidade. O autor afirma que essas associações voluntárias formadas por pessoas que se reuniam em salões, cafés,

Dessa forma, seja a partir do Salão Fim de Século, ou do Centro Espírita Verdade e Luz, que também promovia palestras com temáticas diversas e abrigava um gabinete de leitura, denominado Biblioteca Pública Espírita, uma das formas de atuação de Batuíra ocorre através da criação dessas “sociedades de ideias”. Lynn Sharp (2006) igualmente observa como os grupos espíritas funcionam a partir de locais de livre pensamento e de comportamento democrático, contribuindo para uma sociabilidade de tipo igualitário que vislumbrava um mundo melhor. Com isso, nessas associações espíritas eram desenvolvidas uma convivencialidade social e intelectual que possibilitava a discussão de doutrinas de matizes diversas, religiosas, científicas e filosóficas, ao passo que empreendiam ações de benemerência; esses locais se chocavam com um ambiente profundamente católico, de orientação ultramontana e conservadora.

Ao mesmo tempo, esses espaços constituem um campo de produção de ideias e de bens simbólicos, significando “circuitos alternativos para o debate e circulação de ideias” (GOMES, 1999, p. 12). Dessa maneira, a partir da direção de um periódico importante na divulgação da doutrina, ou na edificação de sociedades de ideias, não necessariamente espíritas, Batuíra estabeleceu redes de sociabilidade aproximando-se de outros grupos sociais, amplificando a sua atuação. Esse intelectual espírita estava preocupado não apenas com o aspecto religioso da doutrina, como veremos, mas em proporcionar competências culturais direcionadas para os grupos sociais que frequentavam estas instituições, na sua visão, fundamentais para a construção de uma sociedade mais fraterna, fundamento do progresso moral e intelectual perseguido pelos espíritas (NOGUEIRA, 2015).

Os “aspectos sociológicos” do espiritismo

Após a exposição desse panorama acerca da atuação de Batuíra no espaço público paulista, podemos refletir sobre o seu dinamismo como intelectual espírita na cidade em processo de modernização. Em um espaço de disputas em torno da hegemonia das práticas espíritas, ele se transformou, como dissemos, em um dos principais protagonistas, com a

gabinetes literários ou academias, cujo objetivo era jogar ou ler publicações, representam uma nova forma de convivencialidade, denominada de “sociabilidade das luzes”, de caráter liberal e que rompiam com os valores vigentes do período. Habermas (2003) também observa a edificação de uma esfera pública moderna a partir do advento de clubes, cafés e lojas maçônicas, como locais de discussão e crítica racional.

fundação do centro espírita e de seu órgão de divulgação, procurando apresentar algumas características relacionadas à construção de uma identidade espírita sob a sua liderança.

Percebemos, em seus artigos, as tensões e conflitos no campo espírita no período; nas páginas do *Verdade e Luz* estão reproduzidas discussões sobre diferentes temáticas na busca do “verdadeiro” espiritismo, além de inúmeras controvérsias, através das quais Batuíra defendeu a doutrina, especialmente contra personagens conhecidos como o Monsenhor Camilo Passalacqua, que apresentava os termos das acusações católicas, associando o espiritismo a manifestações diabólicas, e contra o médico Francisco Franco da Rocha (1864-1933), diretor do Hospital Psiquiátrico do Juqueri, que recriminava as curas produzidas pelos espíritas, associando o espiritismo ao aumento do número de pessoas acometidas pela loucura, em um período no qual o saber médico investia contra as práticas de cura espíritas.

À frente do seu jornal, Batuíra imprimiu um clima de livre-pensamento ao permitir que diferentes articulistas promovessem visões diferenciadas, o que produziu vários debates internos, distinguindo o *Verdade e Luz* de outros periódicos espíritas do período que preferiam, simplesmente, publicar artigos que legitimassem a visão de seus editores⁹. Nesse aspecto, alguns temas eram recorrentes nas páginas do impresso e perduraram por muitos anos: a crítica ao excesso de religiosidade predominante nas práticas espíritas, as conexões entre espiritismo e ocultismo, o combate ao clericalismo e as vinculações entre espiritismo e socialismo. Em virtude do escopo deste artigo, iremos centrar nossa análise nesta última perspectiva, cuja ênfase se transformou em uma característica fundamental do espiritismo professado por Batuíra¹⁰.

Como vimos, sua ação estava ligada a um interesse nas causas sociais e, com o tempo, Batuíra passa a defender de forma mais incisiva essa preocupação relacionada com a doutrina. Ao longo de sua trajetória como um dos principais articulistas de seu jornal,

⁹ Sobre a imprensa espírita paulista consultar: Nogueira (2015), especialmente o capítulo 3 e Nogueira (2022).

¹⁰ Cabe aqui ressaltar que outros intelectuais espíritas paulistas também procuraram imprimir uma interpretação espírita identificada com propostas socialistas. Nesse sentido, podemos citar o espírita anarquista João Penteado (1876-1965), que escreveu alguns artigos sobre o tema publicados na revista *Natalício de Jesus*, dirigida por Francisco Bastos; também podemos mencionar a revista *Fim de Século* - Revista de Propaganda em favor do Socialismo, Cosmopolitismo e Espiritismo, publicada no fim do século XIX, por Arthur Silva, com um curto ciclo de vida. Para uma análise da atuação de João Penteado, consultar o trabalho de Peres (2010); sobre a revista *Fim de Século*, ver: Nogueira (2015).

defende que o espiritismo era uma doutrina religiosa e científica, portadora de uma explicação universalista do mundo e que deveria encarar as múltiplas inter-relações existentes, com destaque às questões políticas e sociais, além de propor uma intervenção social, próxima do socialismo utópico, como veremos mais adiante. Para ele, o espírita seria o agente principal da emancipação da sociedade, pois a doutrina garantiria valores morais e espirituais¹¹.

Existe uma profusão de artigos publicados no seu impresso sobre a temática social e as aproximações que o socialismo e o anarquismo possuíam em relação ao espiritismo. Muitos desses artigos eram reproduções de textos publicados em periódicos espíritas estrangeiros, especialmente a revista argentina *Constancia*¹², que representou uma das fontes de inspiração para Batuíra¹³. Em um dos diversos artigos reproduzidos deste periódico, alguns em tom radical, lemos que “a humanidade tem fome e sede de uma nova vida, com outras leis e outra organização, e a regeneração se impõe tanto na ordem social como na política” (*Verdade e Luz*, 31/12/1890, p. 3). Outro periódico cujos textos são reproduzidos de forma recorrente é *La Unión Espiritista*, onde podemos encontrar artigos que visavam apresentar a ideia de progresso, de acordo com os espíritas, e qual seria a missão que estes possuem na sociedade:

abolir o pauperismo, desterrar a guerra, estabelecer a equidade na distribuição das riquezas e em todas as relações sociais, regenerar pelo trabalho e pelo ensino, procurar o desenvolvimento físico, afetivo, intelectual das multidões

¹¹ Importante mencionar que esta visão espírita do mundo foi construída a partir de múltiplas leituras que o agente teve acesso ao longo de sua jornada e que foram apresentadas na seção Bibliografia do seu jornal, na qual eram anunciados os livros e publicações recebidas. Muitas das obras eram socialistas, como *El Colectivismo Integral* de Eduard Boulard.

¹² Ver, por exemplo, *Verdade e Luz*: 25/05/1890; 15/11/1901; 15/07/1902; 31/12/1904; 30/06/1906; 31/01/1907.

¹³ Sobre o periódico *Constancia*, Sinuê Miguel (2018) observa a tradição dos espíritas argentinos em defesa do socialismo, desde Cosme Mariño, um de seus principais articulistas, conhecido como o “Allan Kardec argentino”. Bubello (2016) é outro autor que sinaliza sobre a tradição socialista no espiritismo argentino. Batuíra estabeleceu vínculos com os argentinos, pois a revista *Constancia* também fazia referências ao seu trabalho no *Verdade e Luz* (*CONSTANCLIA*, 20 ago. 1893). É bem verdade que essa tradição espírita socialista remonta à Europa e antecede o movimento argentino, sendo que Batuíra estava atento a todos esses movimentos.

estender-se à humanidade inteira, converter-se em leis
positivas e garantidoras (*Verdade e Luz*, 31/01/1898, p. 3)¹⁴.

No interior dessa concepção espírita, o progresso não consistiria apenas no triunfo da ciência e de uma religiosidade secular, mas deveria ser acompanhado por uma reforma social. Em termos gerais, percebemos que a maioria destes textos, inclusive os de Batuíra, não demonstravam profundos conhecimentos teóricos sobre as propostas socialistas e são exíguos os textos que procuram dialogar com o marxismo, ainda que de forma tangencial, sendo que as propostas estavam relacionadas ao denominado socialismo utópico, como a edificação de cooperativas, ou a partir de uma proposta na qual os mais abastados deveriam auxiliar os desafortunados da vida. Também defendiam que os problemas sociais eram, sobretudo, derivados de problemas morais que poderiam ser superados a partir da transformação da educação.

Podemos afirmar que o chamado “socialismo utópico”, ou “socialismo romântico”, é bastante diversificado e compreende, de modo genérico, diferentes correntes que, a partir do início do século XIX, sob o ambiente marcado pela difusão do iluminismo, criticaram as contradições sociais e a miséria aprofundada pela sociedade industrial (RUSS, 1991). Muitos destes teóricos apresentaram projetos de transformação da sociedade com características distintas e foram denominados, posteriormente, de utópicos por Marx e Engels, ao observarem que essas propostas representavam fórmulas irreais de superação da sociedade capitalista. Nestes termos, Dermeval Saviani, aponta:

Na forma do “socialismo utópico” as ideias socialistas vicejaram no movimento operário europeu ao longo do século XIX, propondo a transformação da ordem capitalista burguesa pela via da educação. De acordo com essa concepção a sociedade poderia ser organizada de forma justa, sem crimes nem pobreza, com todos participando da

¹⁴ Alguns exemplos de reproduções de artigos estrangeiros, com temática social são: “Consequências e fim revolucionário dos fenômenos espíritas” de Stalislas Dismier, publicado originalmente na revista parisiense *L'Humanité Intégrale* (*Verdade e Luz*, 15/07/1902; 31/07/1902); o artigo assinado por Victor Hugo, “O Socialismo” (*Verdade e Luz*, 15/11/1901); e o artigo “O Espiritismo e Socialismo Racional” (*Verdade e Luz*, 31/01/1907).

produção e fruição dos bens segundo suas capacidades e necessidades. Para tanto, era mister erradicar a ignorância, o grande obstáculo para a construção dessa nova sociedade. A educação desempenharia, pois, um papel decisivo nesse processo. [...]

Mas, como assinalou Engels, era necessário superar o caráter utópico que marcava essa visão do socialismo. Para tanto, impunha-se captar o modo de produção capitalista em suas conexões e em sua necessidade histórica pondo em evidência sua estrutura interna, “seu caráter íntimo” que ainda se encontrava oculto. Essa tarefa foi realizada por Marx que, com a “teoria da mais-valia”, desvendou o segredo da produção capitalista. Por esse caminho foi possível ao socialismo tornar-se científico. Nessa acepção o socialismo, em lugar de ser considerado como um ideal a ser conquistado pelo entusiasmo da vontade pondo em prática planos atraentes, era encarado como produto das leis de desenvolvimento do capitalismo, emergindo como sua negação no processo revolucionário de transição para o comunismo conduzido pelo proletariado. (2011, p. 16-17)

A questão social foi largamente debatida no *Verdade e Luz*, o que destoava de muitos periódicos espíritas do período. Eram denunciadas as condições precárias de vida dos trabalhadores, com referências ao movimento operário e à legitimidade das lutas sociais e, em alguns momentos, em um tom radical. Para Batuíra, era imprescindível realizar a denúncia das mazelas do mundo moderno:

... A justiça, o direito, a liberdade, a fraternidade apregoada pela boca dos canhões, o bezerro de ouro como o deus dominador de todas as aspirações, a concorrência vital cada vez mais egoística, intransigente e feroz, meia dúzia de exploradores fazendo da grande massa anônima dos famintos de consolações duas camadas, uma armada até os dentes,

parasitária, assalariada ao serviço dos grandes (militarismo), outra afogada na fumaça das oficinas, constituindo um como prolongamento das máquinas, ou, quando não, submersa nas galerias das minas (proletariado). São os escravos brancos, mil vezes mais azorragados pela miséria do que os pretos (*Verdade e Luz*, 15/03/1904, p. 2).

Nesse quadro, a doutrina espírita poderia oferecer o seu contributo. Para ele, o espiritismo era portador de “princípios sociológicos”¹⁵, devendo preocupar-se com as desigualdades sociais e as condições de vida dos trabalhadores. Importante mencionar como ele fez questão de se identificar em um texto no qual analisa o significado da verdadeira caridade, em contraposição às obras de benemerência realizadas pelos católicos: “nobres Damas da Caridade, somos discípulos de Jesus, o republicano, o socialista, o amigo dos pobres; portanto não podemos pensar de outra maneira” (*Verdade e Luz*, 31/01/1906, p. 14).

Os textos publicados normalmente mencionavam o socialismo como referência teórica e sua identidade com os princípios cristãos, mesmo sem expressar claramente o conteúdo desse socialismo, apresentado de forma superficial, e ligado a um projeto limitado, como dissemos, relacionado a uma ação moralizadora e educacional, recusando soluções violentas, embora estas tenham sido consideradas em raros momentos. Nesse processo, Batuíra avaliava que o espiritismo tinha por missão uma reforma social que iria edificar uma sociedade livre de preconceitos e ortodoxias, na qual a tolerância e a fraternidade iriam predominar, em consonância com um “espírito moderno”, em contraposição ao mundo de opressão que escravizava as consciências, próprio da Igreja Católica. E, para isto, era fundamental explicitar as possibilidades que as propostas socialistas de caráter não violento, poderiam oferecer. Em artigo publicado em *La Fraternidad* e reproduzido em *Verdade e Luz*, é apresentado o significado do socialismo racional:

¹⁵ A menção aos aspectos sociológicos do espiritismo pode ser lido em: *Verdade e Luz*, 31/01/1898 e *Verdade e Luz*, 30/11/1904; a partir deste ano, quando o jornal é transformado em uma revista mais rebuscada, novos debates em torno do tema surgem no impresso.

Eis aqui duas palavras que simbolizam todo o futuro da humanidade. Nelas se encerram todas as aspirações do homem que se diz irmão dos outros e que conhece que a condição eterna do ser livre é o trabalho. Nenhuma aliança pode dar o socialismo bem entendido, maior força filosófica do que a do Espiritismo. Nenhum bem realizará esta nova crença mais transcendental que a melhoria das classes trabalhadoras, elevando-as à categoria de representantes do direito e do dever sobre a Terra. (*VERDADE E LUZ*, 31/01/1907)

Em outro artigo, em tom inflamado, intitulado Socialismo Cristão, de Furtado Belém, o qual procura demonstrar a terrível crise social e a miséria a qual o povo é submetido, e reafirmando a tríade da liberdade, igualdade e fraternidade, o autor observa:

É o senhor martirizando o escravo, o vencedor esmagando o vencido, o rico escarrando sobre a face do pobre. É o capital absorvendo os últimos esforços do trabalho, é a aristocracia e a burguesia empavesada, mancomunadas, humilhando o artista, o lavrador, o operário.

Mas eis que o escravo reclama a sua emancipação, o vencido ergue-se altivo, o pobre repele a injúria. Fortes pelo número, poderosos se tornam pela união; e maltrapilhos, mortos de fome e frio, sentindo as dores da humilhação, sem o doce conforto da fé cristã, cruel será a vingança, horroroso o ajuste de contas!

Os proletários sofrem, querem liberdade, pão e teto; enquanto o capital, construído com o sangue, com a vida daqueles, nega-lhes tudo e sensualmente banqueteia-se (*Verdade e Luz*, 31/12/1904, p. 5).

Batuíra costumava criticar a postura religiosa predominante no espiritismo, denunciando os periódicos espíritas paulistas que se inclinavam para essa perspectiva

doutrinária, o que aproximaria o espiritismo do catolicismo. Com isso, estabeleceu uma série de conflitos com a Federação Espírita Brasileira, em torno das questões religiosas, apresentando-se como oposição a essa instituição e rompendo definitivamente com a entidade em 1907. Nesse processo, defendeu que a FEB teria se transformado em uma espécie de “igreja” com crenças “neocatólicas” (*VERDADE E LUZ*, 31/03/1907), que ela possuía como propósito se transformar em uma espécie de “papa do espiritismo” e que suas posturas representavam um “mistifório católico-espírita” (*VERDADE E LUZ*, 30/04/1907)¹⁶. Embora essa questão se relacionasse com a disputa pela legitimidade do campo espírita brasileiro e a tentativa de rivalizar com a produção doutrinária dessa instituição, que era vista como referência para o movimento, também possuía outra finalidade crítica: enfatizar o aspecto religioso da doutrina significava limitar o projeto de regeneração da sociedade, pois a dimensão religiosa seria portadora de um alcance reduzido na prática social. Para o editor do *Verdade e Luz*:

Muitos de nossos confrades e mesmo alguns periódicos da nossa comunidade tem-se abespinhado conosco por não dizermos *amem!* à feição acentuadamente religiosa que, talvez, sem o quererem, por um pendor natural para o misticismo, vão imprimindo à propaganda da doutrina espírita. Mostramos, em artigo anterior, que esse quase exclusivismo, encerrava um perigo, qual o de reduzir a grandiosidade da nossa cara doutrina às proporções minúsculas de mais uma seita evangélica, protestante, agregada às cento e tantas outras que por aí andam a pregar a sua preexcelência. Fizemos ver também que os diversos Congressos espíritas e espiritualistas realizados em várias épocas, com assentimento e aplausos dos espíritas e espiritualistas de todas as partes da Terra, *afirmaram e proclamaram a existência e virtualidade do Espiritismo como a Ciência integral e progressiva*, e mais, como um dos seus fundamentos, que *ele ministra solução aos mais árduos problemas*

¹⁶ Sendo assim, a análise que Aubrée e Laplantine efetuam, afirmando que o periódico *Verdade e Luz* possuía uma orientação religiosa derivada da FEB não se mostrou sustentável com a leitura dos seus artigos (AUBRÉE; LAPLANTINE, 2009).

morais e sociais. Assim sendo, o Espiritismo abrange no seu estudo toda a realidade, e acha, no seu próprio seio, elementos para resolver todos os problemas morais e sociais (*Verdade e Luz*, 15/03/1904, p. 1, grifos originais).

Alguns pensadores discutiram essas questões relacionadas às origens do espiritismo na França. Aubrée e Laplantine (2009) demonstram como os valores de justiça social, igualdade e liberdade estão entrelaçados com o espiritismo, afirmando que ele pode ser considerado como uma das doutrinas progressistas do século XIX. Sobre os primeiros espíritas e médiuns do século XIX, os autores pontuam:

Sejam eles socialistas que se tornaram espíritas ou espíritas que não reivindicam expressamente o socialismo ou, deliberadamente, socialistas-espíritas, todos trabalham de comum acordo pela libertação dos oprimidos; todos lutam por melhores condições de vida da classe operária. O velho mundo estala por toda parte e as mesas que estalam por sua vez expressam a grande alteração que está para acontecer. Basta verificar o número impressionante de obras socialistas dessa época para constatar como estes diferentes temas – justiça, progresso, reencarnação – estão intimamente ligados (AUBRÉE; LAPLANTINE, 2009, p. 95).

Lynn Sharp (2006) defende a existência de uma identidade entre o socialismo e o espiritismo desde o início deste movimento. O conceito de reencarnação era essencial para a formulação de um ideário de regeneração social para muitos dos chamados socialistas utópicos como Charles Fourier, Pierre Leroux e Jean Reynaud. Para esses pensadores, a reencarnação se apresentava como um meio progressivo para um mundo melhor, a partir de uma grade de referências que associava a transformação da realidade social e política com o mundo espiritual, ampliando o objetivo de reforma social coletiva com uma nova visão que unia a política e a metafísica; para esta autora “o sobrenatural assumiu a função de expressar pontos de vista políticos” (2006, p. 103, tradução nossa).

Sharp demonstra que as ideias reencarnacionistas de Jean Reynaud representavam um instrumento para se alcançar a perfeição moral e social e influenciaram a obra de Allan Kardec¹⁷. Ela observa que, embora essas ideias tenham se diluído ao serem reinterpretadas por diferentes médiuns e pensadores espíritas, e a ideia de reforma social tenha se dissolvido, Kardec continuou em grande parte a mensagem inicial de Reynaud. Por fim, essa autora demonstra como os espíritas franceses se posicionaram em conexão com as inquietações do mundo e as suas mazelas sociais, com tendências reformistas de origem liberal e socialista. Podemos afirmar que Batuira apresentou uma atuação nesta perspectiva, influenciado por suas leituras socialistas e redes de afinidade estabelecidas, defendendo um mundo mais fraterno, a partir do qual a melhoria das condições sociais era um tema central da identidade espírita.

Em seu discurso intelectual está presente a desconfiança sobre um ideal social predominante entre os espíritas, segundo o qual a reforma moral do indivíduo deveria anteceder a reforma social, sendo condição *sine qua non* para esta, na medida em que o grande obstáculo para a transformação social seria a condição moral dos seres encarnados, na qual prevaleceriam o orgulho, a vaidade e a inveja; ainda que, para ele, essas imperfeições do caráter humano fossem um entrave para as transformações sociais, a regeneração social poderia ocorrer paralelamente. Assim sendo, a transformação social da humanidade caberia ao espiritismo, doutrina que melhor colabora para a fraternidade humana, temática citada diversas vezes nos artigos do *Verdade e Luz*. Sobre o socialismo e o anarquismo, o único problema seria uma tendência materialista própria dessas doutrinas e que, por isso, necessitariam de uma aliança com o espiritismo; essa reelaboração conceitual seria fundamental na superação das ideias conservadoras e na resolução dos problemas sociais da época. Essas interpretações, como dissemos, reaproximam o espiritismo defendido por Batuira da perspectiva inicial do movimento na França.

A associação dos princípios socialistas com os espíritas, descolando o primeiro de sua ação revolucionária, foi a tônica desta interpretação. Ao mesmo tempo, sua ação social não ocorreu apenas no nível discursivo, mas, sim, em uma proposta de intervenção na sociedade. Nesse contexto, um dos principais objetivos perseguidos por Batuira, a partir de 1904, quando o centro espírita foi transformado na Instituição Cristã Beneficente

¹⁷ Jean Reynaud é referenciado em vários momentos na *Revista Espírita* e o próprio Kardec afirma sobre a contribuição das ideias deste pensador para a doutrina espírita (*REVISTA ESPÍRITA*, ago. 1862).

Verdade e Luz, reorganizando as suas atividades, e transformando o jornal em uma revista com 32 páginas, foi a edificação de um familistério espírita¹⁸. Naquele momento, ele reafirmava o conteúdo “sociológico” do espiritismo, entendido como uma teoria social, alicerçado em seus aspectos científicos e filosóficos, ainda que não tenha desprezado as suas características religiosas; é dessa forma que ele insiste em “promover aos poucos a organização de um familistério, procurando fazer aplicações práticas das doutrinas sociológicas do espiritualismo” (*VERDADE E LUZ*, jan. 1905, p. 1).

Para ele, os espíritas deveriam se interessar por projetos reformistas como o seu familistério. Mais do que identificar as mazelas sociais e criticá-las, convidando os espíritas a uma reflexão acerca dessa realidade, ele procura um meio para superá-las, novamente na senda do socialismo utópico. Assim, no interior de seu projeto de divulgação de um espiritismo progressista, surgia uma proposta que incursionava nas ideias socialistas, algo bastante raro na história do espiritismo no Brasil em seus primeiros tempos, pelo menos, até onde a nossa vista alcança. De qualquer maneira, ao acompanharmos os números posteriores da revista, embora ele tenha insistido no projeto e amplificado a publicação de artigos de orientação socialista, na tentativa de angariar apoio, este não prosperou, pois não obteve ressonância por parte de seus seguidores; embora respeitassem Batuíra como uma das referências principais do espiritismo nacional, possivelmente não compreendiam a centralidade da questão social na doutrina. Por fim, as dificuldades financeiras enfrentadas pela instituição, enunciadas repetidas vezes por ele, não possibilitaram a construção do familistério.

Com efeito, esse intelectual expressou de forma paradigmática o ideal espírita de um mundo de regeneração pautado, necessariamente, pela transformação política e social da realidade. Este projeto estava alicerçado em ideais cristãos, mas, também na defesa da

¹⁸ Consultar: *Verdade e Luz*, 30/11/1904. Os limites deste artigo não permitem apresentar com profundidade as relações existentes entre o movimento espírita e o familistério. Esta experiência inspirada nos falanstérios de Charles Fourier (1772-1837), foi fundada na cidade de Guise por Jean-Baptiste André Godin (1817-1888) em 1859, e funcionou até 1968. Godin era espírita e, posteriormente, o movimento internacional advogou a ideia do incentivo à disseminação desta proposta, no interior de um programa espírita; Sharp indica que Pierre Leymarie, responsável pela *Revista Espírita*, tempos depois da morte de Kardec já instava os adeptos a apoiarem esta empreitada, o que foi defendido por muitos nos congressos espíritas que ocorreram a partir do final do século XIX. Para algumas informações sobre o Familistério de Godin, ver: Freitag (2003); sobre o familistério como uma proposta espírita, ver: Nogueira (2015).

República, da democracia, do livre-pensamento, da laicização e de propostas socialistas, desenvolvendo uma corrente diferenciada no espiritismo paulista que abordava os valores doutrinários em diálogo com o mundo social, ainda que com diversos limites; essa proposta encontrou pouca ressonância em outros pensadores espíritas do período e, após a sua morte em 1909, esses ideais não conheceram novos intelectuais que se disponibilizaram a caminhar tão longe, naquele momento inicial de configuração do campo espírita.

Considerações finais

No contexto de modernização da cidade de São Paulo, de laicização do Estado e de pluralização do campo religioso brasileiro, a atuação de Batuíra como intelectual engajado e porta-voz do espiritismo se notabilizou por desenvolver uma identidade espírita progressista, alicerçada em um projeto de transformação social, com conexões com outras correntes de pensamento do período, e oferecendo outras perspectivas doutrinárias. Nesse processo, estabeleceu relações de sociabilidade com outros grupos, como livres-pensadores, anticlericais, ocultistas, socialistas, isto é, com grupos que compartilhavam os ideais da modernidade e com espíritas de outros países da América Latina.

Embora defendendo um socialismo difuso, muitas vezes apresentado de forma superficial, e relacionado à transformação moral do ser humano, o que era característico do pensamento de Allan Kardec, o debate acerca das desigualdades sociais e os possíveis caminhos que poderiam levar a sua superação, mostrou-se como uma alternativa para o movimento espírita brasileiro no período. Essa atuação não relegava a um segundo plano suas ações caritativas, na medida em que grande parte de suas atividades dirigiram-se para obras de benemerência, como assistência a órfãos, viúvas pobres e enfermos, além de doações de roupas, mantimentos e medicamentos homeopáticos, e a tentativa de construção de um hospital psiquiátrico. Os artigos no *Verdade e Luz* demonstram os atendimentos que ele fazia, inclusive visitando enfermos em outras cidades, ministrando “passes” magnéticos e fazendo orações em prol da cura dessas pessoas. Os gastos com essas obras, inclusive, levaram a instituição a uma crise econômica e impediram a edificação do familistério.

Para ele, portanto, as atividades assistenciais eram fundamentais na construção de uma identidade espírita, como ocorria no movimento brasileiro, mas não deveriam ser a única finalidade das sociedades espíritas e de seus agentes. As instituições criadas ou financiadas por ele, o Centro Espírita Verdade e Luz e o Salão Fim de Século representaram

espaços que visavam à politização da sociedade. Assim, embora o espiritismo professado por Batuíra ainda tivesse como essência os aspectos religiosos, abriu novos caminhos relacionados à solidariedade de classe e a uma atuação política, possibilidade ainda debatida pelos espíritas nos dias atuais e que produz diversas controvérsias.

Como imigrante proveniente de uma sociedade tradicional, como tantos outros que ingressaram no país, viveu em um espaço em processo de urbanização no qual penetraram novos ideários, através dos quais buscou reconstruir sua identidade. Embora não fosse advogado, professor, médico, militar ou farmacêutico, profissões que dominavam entre as vozes fundamentais do espiritismo no período, era um comerciante conhecido, sem muitos anos de educação formal, mas que se transformou em autodidata. Seus empreendimentos comerciais, sua participação na vida cultural da cidade, relacionando-se com os acadêmicos e participando do movimento abolicionista, ao lado de suas ações beneméritas, desenvolveram o seu poder simbólico e a sua inserção social.

Para compreendermos a atuação de Batuíra, interessante nos referenciarmos às considerações de Ángel Rama (1985) que analisa os novos intelectuais latino-americanos que surgiram entre fins do século XIX e XX, e que se transformaram em pensadores críticos dissidentes. Ele afirma que muitos deles eram autodidatas, que não tiveram acesso ao ensino superior e formaram, por isso, uma visão livre, entretanto, assistemática e indisciplinada da realidade, incorporando diferentes doutrinas sociais, constituindo-se como produtores independentes. Para este pensador, os centros urbanos forjaram intelectuais que não se adequavam às expectativas da sociedade que, embora em processo de modernização capitalista, eram dominadas pelas normas tradicionais.

Referências

- ABREU, Canuto. *Bezerra de Menezes*. Subsídios para a história do espiritismo no Brasil até o ano de 1895. São Paulo: FEESP, 2001.
- AGULHON, Maurice. As sociedades de pensamento. In: VOVELLE, M. (org.). *França Revolucionária (1789-1799)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- AMARAL, Antônio Barreto do. *História dos velhos teatros de São Paulo: da Casa da Ópera à inauguração do Teatro Municipal*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

- ARRIBAS, C. da Graça. *Afinal, espiritismo é religião?* A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. São Paulo, 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 226f.
- _____. *No princípio era o verbo*. Espíritas e espiritismo na modernidade religiosa brasileira. São Paulo, 2014. Tese (Doutorado em Sociologia). – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 255f.
- AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. *A mesa, o livro e os espíritos*: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil. Maceió: EDUFAL, 2009.
- AZEVEDO, Elizabeth R.. *Um palco sob as arcadas*: o teatro dos estudantes de Direito do Largo São Francisco, em São Paulo, no século XIX. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2000.
- BASTIAN, Jean-Pierre. Introducción. In: BASTIAN, Jean-Pierre (org.). *Protestantes liberales y francmasones*. Sociedades de ideas y modernidad en América Latina, siglo XIX. México D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1990.
- BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BRUNO, Ernani Silva. *História e tradições da cidade de São Paulo*. v. 2. São Paulo: Hucitec, 1991.
- BUBELLO, Juan Pablo. De “Jesús no es Dios” a “Jesús... es el verdadero fundador del socialismo”. Ocultismo y política en el espiritismo kardecista argentino (1870-1930): liberalismo anti-clerical, socialismo anti-bolchevique, debates, cambios y límites. *Melancolia*, nº 1, 2016, p. 51-74.
- CONSTANCLA. Buenos Aires: Sociedade “Constancia”, 1890-1909.
- DAMAZIO, Sylvia F. *Da elite ao povo*: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- DEAECTO, Marisa Midore. *Comércio e vida urbana na cidade de São Paulo (1899-1930)*. São Paulo: Editora Senac, 2002.
- FREITAS, Affonso A. de. *A imprensa periódica de São Paulo desde os seus primórdios em 1823 até 1914*. São Paulo: Typografia do “Diário Oficial”, 1915.
- FREITAG, Bárbara. Utopias urbanas. In: BARREIRA, César (org.). *A sociologia no tempo*: memória, imaginação e utopia. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

- GIUMBELLI, Emerson. *O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.
- GOMES, Angela de Castro. *Essa gente do Rio...: modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- MARQUES, Gabriel. *Ruas e tradições de São Paulo*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, s.d..
- MIGUEL, Sinuê Neckel. Espiritismo à esquerda: a tradição socialista espírita no Brasil e na Argentina no século XX. XIV Encontro Estadual de História da ANPUH-RS, 2018.
- MONTEIRO, Eduardo Carvalho. *Batuíra - Verdade e Luz*. São Paulo: Lúmen Editorial, 1999.
- _____. *Batuíra - O diabo e a Igreja*. São Paulo: Madras, 2003.
- MOURA, Paulo Cursino de. *São Paulo de outrora* (evocações da metrópole). Belo Horizonte: Editora Itatiaia, São Paulo: Edusp, 1980.
- NOGUEIRA, F. H. G. *Os espíritos assombram a metrópole: sociabilidades espiritualistas (espírita e esotérica) em São Paulo na Primeira República*. Tese de Doutorado em História Social – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2015, 450 f.
- _____. A Imprensa espírita paulista (1873-1911). *Interações*, v. 17, nº 2, p. 339-357, out. 2022.
- OPERÁRIO, O. São Paulo: Typografia Espírita, 1891.
- PAOLI, Maria Celia; DUARTE, Adriano. São Paulo no plural: espaço público e redes de sociabilidade. In: PORTA, Paula (org.). *História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX*. v. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- PERES, Fernando Antônio. *Revisitando a trajetória de João Penteado: o discreto transgressor de limites*. São Paulo, 1890-1940. São Paulo, 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.
- RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- REVISTA ESPÍRITA - Jornal de Estudos Psicológicos. Disponível em: <https://www.uemmg.org.br/download/revista-espirita-1858-1869>. Acesso em: 14 nov. 2022.
- RUSS, Jacqueline. *O socialismo utópico*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

- SAVIANI, D. Marxismo e pedagogia. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, SP, v. 11, n. 41, abr. 2011, p. 16–27.
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- SHARP, Lynn. *Secular Spirituality*. Reincarnation and Spiritism in Nineteenth-Century France. Lanham: Lexington Books, 2006.
- VAMPRÉ, Spencer. *Memórias para a história da academia de São Paulo*. São Paulo: Livraria Acadêmica Saraiva, 1924.
- VERDADE E LUZ. São Paulo: Typografia Espírita, 1890-1909.